

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.1401201971-80>

PULSÃO DE MORTE E (RE)CRIAÇÃO: ENTRE O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO E A “DÁDIVA DO OUTRO” DEATH DRIVE AND (RE) CREATION: FROM CIVILIZATION AND ITS DISCONTENTS TO THE “GIFT OF THE OTHER”

Eliana Rigotto Lazzarini*
Maura Cristina de Carvalho**

Resumo: *Perfaz-se as relações entre pulsão de morte e cultura a partir de uma definição de cultura como irrupção alteritária que funda o psiquismo num paradoxo de dualismo pulsional. Convoca-se a perspectiva estética de Mikhail Bakhtin como viés para uma leitura do construto psicanalítico. À medida que compreendemos a pulsão de morte como um mecanismo de manutenção criativa da alteridade que incide em produção de e na cultura, propõe-se a criação artística como dádiva da civilização, um aspecto estético do mal-estar na civilização.*

Palavras-chave: *Freud. Bakhtin. Pulsão de morte. Mal-estar na civilização.*

Abstract: *We present the relations between the death instinct and cultural influences, from the psychoanalytic perspective of Kultur as an alteritary irruption that starts the psychism. We call upon the aesthetic perspective of Mikhail Bakhtin as a bias towards a reading of the psychoanalytic construct. As we understand the death drive as a mechanism for creative maintenance of otherness which influences production and culture, artistic creation is proposed as a gift of civilization, an aesthetic aspect of civilization's discontents*

Keywords: *Freud, Bakhtin. Death drive. Malaise in civilization.*

Recebido em 10/05/2019. Aprovado em 26/06/2019.

PULSÃO DE TRANSFORMAÇÃO

Em 1920, num dos trabalhos mais fundamentais da Psicanálise – *Além do Princípio do Prazer* (FREUD, 2010) – Sigmund Freud introduz o conceito de pulsão de morte. Considerado polêmico, mesmo dentro do já revolucionário conhecimento psicanalítico instituído até aquele momento, o novo conceito modifica significativamente o entendimento de pulsão sexual, um dos eixos da teoria psicanalítica. A pulsão de morte destitui a crença de que há uma direção unívoca e evolutiva, de caráter erótico, no desenvolvimento adaptativo para a sobrevivência. Este construto, ampliando o entendimento sobre as motivações inconscientes do ser humano, vem acrescentar à teoria psicanalítica uma ambiguidade essencial: a ideia de que a involução, o retorno à condição inanimada, é também uma das diretrizes essenciais do psiquismo.

* Doutora em Psicologia Clínica e Cultura – PsiCC/UnB; Universidade de Brasília; Pós-Doutorado Université Sorbonne Paris XIII. E-mail: elianarl@terra.com.br

** Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura – PsiCC/UnB em período sanduíche na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Universidade de Brasília. E-mail: maura.cris.carvalho@gmail.com

Parece justificável que aos 70 anos – aproximando-se de sua morte – e tendo presenciado a força destrutiva e mortífera da primeira grande guerra, Freud tenha voltado sua atenção para ideia de morte. Partindo da observação de sequelas em pacientes diagnosticados com neurose traumática pós-guerra, ele reorientou os pilares fundamentais de sua teoria para contemplar uma categoria de pensamentos e comportamentos humanos que escapavam ao alcance do entendimento pelo modelo das pulsões sexuais de vida.

Creemos que, para compreender o paradigma implicado no conceito de pulsão de morte, é preciso antes situar brevemente a que se refere o termo pulsão em Psicanálise. Em *As pulsões e suas vicissitudes*, de 1915, Freud descreve a pulsão como sendo ‘um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente (...)’ (FREUD, 1915, p.142) denotando, de início, o caráter plurivalente e ambíguo deste termo. No entanto, a ideia de pulsão que Freud desenvolverá tardiamente em seu pensamento no texto *Além do princípio de prazer* (2010) é aquela que nos parece a mais fidedigna e também, aquela que fundamentará as nossas reflexões: “Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente interna ao organismo vivo que visa restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas” (FREUD, 2010, p.160).

Este desenvolvimento sobre a ideia de pulsão comporta o novo construto de pulsão de morte e oportunamente insere a dimensão da relevância das “forças perturbadoras externas” no próprio entendimento de pulsão. Esta inserção nos é especialmente relevante pois evidencia as ligações entre o desenvolvimento do psiquismo e as marcas da exterioridade que lhe serão essenciais, apontando para a relevância dos elementos da cultura: para Freud, é uma força alteritária (exterior) perturbadora que aciona a atividade da pulsão de morte e essa ação entrelaça perenemente o sujeito à especificidade de sua contingência cultural. Segue-se daí, para o psiquismo, uma derivação paradoxal: a necessidade de aniquilação do desconhecido é o gatilho da força que move o organismo *além* do que, para ele mesmo, é o terreno do conhecido: o princípio do prazer. Parece que, de maneira nada linear, Freud tenta nuançar os embates do psiquismo entre sua ânsia conservadora e seu desejo pelo crescimento em direção aos elementos inéditos apresentados pela exterioridade: por isto o psicanalista atribui o que denomina pulsão de morte a um domínio que situa mais além, referindo-se, já no título do trabalho que aborda este conceito, a um lugar *Além do princípio do prazer*.

O escopo do pensamento psicanalítico até 1920 se desenvolve em torno da ideia de um psiquismo que visa a obtenção de prazer e evitação da dor: a ideia original de pulsão diz respeito a uma força motriz, que impulsiona o sujeito na direção de um objeto que trará satisfação. As pulsões que compõem o conceito de pulsão erótica ou de vida são as pulsões sexuais parciais que visam a obtenção de prazer erógeno (oral e anal), tais como são apresentadas em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905), trabalho que inaugura a Psicanálise como uma teoria da subjetivação psíquica através da sexualidade.

Ao elaborar a ideia de pulsão de morte, Freud é disruptivo dentro da sua própria teoria. Em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 2010) cria-se uma cisão no conceito de pulsão, acrescentando-se às já conhecidas pulsões ‘eróticas’, uma nova categoria: as

pulsões destrutivas, que não visam imediatamente a satisfação erógena ou a evitação do desconforto, mas antes a estabilidade da economia psíquica através da manutenção conservadora de um estado inanimado. Cria-se assim um dualismo (dialogismo) pulsional. Se nos atemos exclusivamente à concepção econômica da energia vital, o custo da morte é frequentemente vantajoso se comparado ao custo da manutenção vital. O retorno a condição inanimada, em que o dispêndio energético é igual ao ganho – nulo – é também uma condição ansiada pelo organismo. Assim, pulsão de vida e de morte se alternam na trajetória individual. Segundo nos ensina Márcia Carvalho: “Haveria entre essas duas forças uma solução de compromisso (...) As pulsões de vida se lançam à morte para conseguirem a própria preservação. A pulsão de morte destrói o que é da ordem da preservação da vida, buscando excluir qualquer estímulo que seja externo a sua própria inércia” (CARVALHO, 2011, p. 104). Esta solução de compromisso é também observada no pensamento de Terry Eagleton: “Temos que achar uma maneira de viver com o não-ser sem estarmos apaixonados por ele, já que essa paixão corresponde à ardilosa atuação da pulsão de morte. (EAGLETON, 2005, p. 287). Para Eagleton, a pulsão de morte freudiana resvala “uma inconcebível transformação de tudo que fazemos – transformação tão absoluta que seria uma imagem da própria morte” (EAGLETON, 2005, p. 290).

A PALAVRA É A MORTE DA COISA: MAL-ESTAR E KULTUR

Interessa-nos especialmente a perspectiva que aproxima a pulsão de morte ao caráter metamórfico inerente a relação do homem com as produções culturais e artísticas. Quando dizemos metamórfico, apontamos para um duplo papel da cultura. Ela tanto opera como o elemento externo desestabilizador – na direção do que conhecemos como o mal-estar civilizatório apontando por Freud –, como também viabiliza a capacidade de se restabelecer um estado anterior de equilíbrio “que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas”, através da ampliação do repertório de recursos simbólicos. Na maior parte das vezes, ao atentarmos sobre o mal-estar civilizatório, ressaltamos suas vicissitudes mortíferas no sentido de apontar as impossibilidades ligadas à intolerância, adoecimento psíquico, estagnação e guerras. Há, no entanto, um aspecto essencialmente criativo no encontro entre o indivíduo e a cultura que, se não devemos chamar de “bem-estar na cultura”, pois não se trata disso, podemos discernir como uma dádiva da cultura. Esta “dádiva do outro” (para usar a expressão bakhtiniana) é um modo de compreender a pulsão de morte quando esta parece trabalhar como vetor da manutenção criativa da alteridade.

O mal-estar na civilização (Das unbehagen in der Kultur), escrito em 1929-1930, traz reflexões importantes de Freud acerca do papel da cultura na condução do mal-estar, sendo um de seus mais conhecidos trabalhos. A tradução para o português traz no título o termo civilização e nos leva a pensar sobre uma possível diferença entre cultura e civilização, ou, em outros termos, ao que Freud se refere quando utiliza o termo *kultur*.

Há grandes discussões em torno desta (in)diferenciação. Escolhemos sucintamente à proposta de Zaltman (2010) que, para abordar a peculiaridade do uso freudiano do termo *kultur*, recorre a uma produção freudiana de 1933: *A dissecação da personalidade psíquica*, em que aparece a expressão *kulturarbeit*, que a autora propõe traduzir como

trabalho da cultura. Trabalho é um termo caro a Freud, já o sabemos pelas expressões trabalho do sonho e trabalho do luto. (ANZIEU, 1992). O trabalho da cultura, para a autora, teria ao mesmo tempo um aspecto coletivo e individual, derivado do fato de a constituição psíquica só se dar na relação com outros. Assim, o trabalho da cultura é solicitado pelo inacabamento inaugural do bebê humano (desamparo), que o constitui em sua dependência e relação, que o constitui atravessado pela linguagem. O desamparo indica que "a estrutura mesma da atividade psíquica é marcada pela alteridade, quer dizer, por uma irrupção da interpretação cultural, contemporânea ao nascimento da vida psíquica" (ZALTZMAN, 2010, p. 49). O trabalho da cultura é então um ponto nodal, um laço entre a singularidade e a herança cultural, em que ambos se influenciam - dependência constitutiva entre indivíduo e espécie.

A ideia de um mal-estar que perpassa esta relação entre sujeito e a cultura traduz-se desde o início da teorização psicanalítica por construtos metapsicológicos que expressam a teoria de conflito – inicialmente entre o princípio do prazer e o da realidade, posteriormente entre as pulsões de vida e morte.

Freud (2010) ilustra a pertinência da pulsão de morte através de um famoso relato de observação de uma brincadeira infantil. Um garotinho de cerca de dois anos de idade brinca fazendo um pequeno carretel desaparecer atrás de uma cortina e reaparecer logo depois, repetindo as palavras “sumiu” (*fort*) e “voltou” (*da*). Esta cena infantil em que, aparentemente, a angústia do desaparecimento do brinquedo é voluntariamente reeditada, traz indícios que atestam que há, nas repetições de eventos dolorosos, alguma função econômica. Freud observa que a brincadeira do carretel *entra em cena* a partir do mal-estar causado pela ausência da mãe da criança e presume que, esta atividade deriva de uma defesa a este mal-estar. Inventar um jogo simbólico, engendrar protótipos de palavra, criar uma narrativa que preenche e consola não traz, definitivamente, a mamãe de volta. Ao contrário, a ausência da mãe acaba duplamente representada: não apenas pelo afastamento do carretel, mas também pela negatividade dos próprios significantes, que tomam em última instância o lugar da mãe. “Pela palavra, que já é uma presença feita de ausência, a ausência mesma vem a nomear-se em um momento original cuja *recriação perpétua* o gênio de Freud captou no jogo da criança” (LACAN, 1998, p. 276). No entanto, engendra criação simbólica.

É no sentido de recriação perpétua que pulsão de morte se relaciona com a linguagem e com a representação simbólica nas origens da cultura aqui quase sinônima da angústia: quando um menino faz um carretel desaparecer e reaparecer, não realiza o desejo de que sua mãe não se vá ou de que ela reapareça imediatamente e sane a sua angústia infantil. Ao invés disso, uma outra satisfação entra em cena: o pequeno menino brinca de senhor do destino, inventa. Inventar propriamente um reino: o reino da negatividade, como diria Lacan, referindo-se à capacidade das palavras, por sua dissociação e autonomia em relação ao real representado, prescindirem das coisas, sendo, em certa instância, a morte delas: “O símbolo manifesta-se em primeiro lugar como assassinato da coisa” (LACAN, 1998, p. 319). Quando Freud discrimina no psiquismo um prazer que obedece a um ordenamento que ele situa em torno de um domínio relacionado à morte, acreditamos que o que está sendo nomeado é a própria capacidade do simbólico de prescindir da satisfação erótica ligada às pulsões sexuais imediatas.

Trata-se, na pulsão de morte, de uma morte, e de um nascimento acoplado a ela: a morte das coisas traz em si o nascimento do simbólico, da cultura, da arte representativa, da literatura, pois que dá à luz a própria capacidade de brincar com um reino de significantes-carretéis que não garante a satisfação corpórea, mas, de outra feita, cria, inventa uma outra satisfação e, deste modo, transcende a falta do objeto de satisfação erótica. Temos inúmeros exemplos literários que clarificam esta operação:

Essa operação ecoa em Borges (O Golem), para quem “nos sons de rosa a rosa é e perdura” (Borges, 1999, p. 286). E, ainda, em João Cabral (Antiode): “Flor é a palavra flor” (Melo Neto, 1994, p. 101). De um lado, temos a negação, a morte; de outro, alguma coisa surge: pelo que não toma corpo senão por ser o traço de um nada, e cujo suporte desde então não se pode alterar, o conceito, salvando a duração do que passa, engendra a coisa (CASTRO, 2011, p.1412).

O conceito *per-siste* além da coisa, além do corpo e além do princípio do prazer. Salva, perenemente, a coisa de sua morte separa dois reinos: os passíveis e os impassíveis da morte. Funda -se, neste momento, um outro prazer, um outro modo de satisfação que advém da fantasia, da representação, da própria independência em relação ao real.

Instaura-se um novo jogo pulsional que não nos garante a satisfação libidinal do corpo mas cuja repetição incessante aponta para um outro tipo de prazer, assim dito, o gozo, da ordem do simbólico, como ilustra-nos Lacan: “Não há como representar o gozo do castor, da ostra ou da planta; nesses casos, por falta de significante, não há distância entre o gozo e o corpo” (LACAN, 1992, p. 206). É nessa distância entre o gozo e o corpo que se situa a diferença da esfera representativa despregada do real e, em muitas apreensões, para além dele: mais além, mais disseminada e mais primitiva do que o princípio da realidade.

A pulsão de morte, ademais, como mencionamos no início, cria uma ruptura no conceito de pulsão, impetrando na teoria psicanalítica uma cisão revolucionária, admitindo uma ambiguidade insolúvel e inerente ao próprio funcionamento do psiquismo. Observe-se que admitir uma ambiguidade pulsional, ou seja, uma condição psíquica ulterior moldada de maneira não unívoca, é, de forma premente, viabilizar, em termos quase biológicos – do mesmo quase fisiologismo que é acometido o conceito de pulsão, parte física, parte psíquica – uma abertura perene para alteridade ou ainda, uma exigência do trabalho da cultura para que a subjetivação se dê.

Percorremos um caminho argumentativo homogêneo – psicanalítico – para elucidar a relação entre a pulsão de morte e a alteridade. Lançamo-nos agora, de modo a reforçar nosso fundamento, a um encontro divergente. Mikail Bakhtin é um pensador que jamais poderia ser considerado freudiano. No entanto, suas ideias sobre a importância da alteridade na constituição subjetiva no corpo de uma teoria estética elucidam pontos importantes de nosso percurso. O intuito é contribuir para a sedimentação da compreensão da pulsão de morte como um mecanismo intrinsecamente relacionado ao encontro do sujeito com a alteridade enfatizando o aspecto criativo desta injunção

BAKHTIN: UM CONTRAPONTO ESTÉTICO PARA O MAL-ESTAR

Alcançamos, em nossa trilha, uma excentricidade essencial, qual seja, a de conjugar o pensamento do teórico Mikhail Bakhtin e o do pai da psicanálise Sigmund Freud, conjugação polêmica que convida a um esclarecimento de seu fundamento. Bakhtin, embora tenha sido um cuidadoso leitor de Freud, não guardava uma percepção positiva sobre a psicanálise, termo aliás ao qual ele não se rendeu: designou a escola freudiana por “freudismo” a cada vez que se remetia a ela, como se negasse à psicanálise o reconhecimento de sua autonomia, de sua importância enquanto metodologia psicológica e mesmo enquanto corrente filosófica. Em seu trabalho intitulado exatamente *O Freudismo*, Bakhtin (2004) ‘analisa a psicanálise’ demonstrando, antes mesmo de esclarecer seu posicionamento, sua leitura extremamente atenta, o interesse genuíno e – para não tardarmos ainda mais em homenagear o vocabulário audaciosamente afetivo do pensador: a recepção carinhosa do texto freudiano. No entanto, sua opinião é fatidicamente contrária à Psicanálise: Bakhtin descrê no inconsciente e questiona a funcionalidade da teoria freudiana. Para ele: “O que é o “desejo inconsciente”, senão o mesmo tijolo velho apenas com posição invertida?” (BAKHTIN, 2004, p.70). Segundo Paulo Bezerra, para Bakhtin “a ênfase é no discurso e na personagem como sujeito consciente de seu próprio discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 13).

Parece-nos que ao enunciar, como crítica à psicanálise, que “Nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem enunciou: é produto da interação entre falantes” (BAKHTIN, 2004, p.79); tenha escapado ao pensador o entendimento do inconsciente justamente como a dimensão dialógica infiltrada no funcionamento do psiquismo.

Em seu sensível ensaio filosófico, Bakhtin descreve uma estética fundamentada na alteridade, no acabamento que nos é ofertado exclusivamente pelo olhar amoroso do outro sobre nós, o que o teórico denomina de excedente de visão. Diz Bakhtin: “o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne, unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria. (...)” (BAKHTIN, 2011 p.33). E mais adiante, completa o seu raciocínio:

Palavras amorosas e preocupações reais vão ao encontro do caos confuso da autossensação interior, nomeando, orientando, satisfazendo, pondo em contato com o mundo exterior como resposta interessada em mim e na minha necessidade, e isso é como se enformasse plasticamente esse caos infinito e agitado (BAKHTIN, 2011, p.46).

“A dádiva do outro” é a não coincidência com nossa vivência interior da consciência: este elemento é essencial na apreciação artística pois é a partir do acabamento que o olhar do outro nos oferece que aprendemos a posição estética. “O interesse artístico é o interesse fora do sentido, por uma vida concluída por princípio” (BAKHTIN, 2011, p. 102).

Bakhtin desenvolve uma teoria estética indissociável da experiência humana alteritária. É a partir da vivência dialógica entre a consciência de si e o olhar do outro que a significação estética acontece, imiscuída radicalmente à impressão afetiva do outro

amoroso: “neste sentido, o corpo não é algo que se baste a si mesmo, necessita do outro, do seu reconhecimento e da sua atividade formadora” (BAKHTIN, 2011, p. 47-48).

Sobre o acabamento estético e a alteridade em Bakhtin, impele-se remetermos brevemente a Lacan, que em um de seus mais conhecidos trabalhos, intitulado *O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1966), perfila um estudo semelhante no qual “(...) trata a relação do sujeito com seu próprio corpo em termos de sua identificação com uma imago, que é a relação psíquica *par excellence* (...)” (LACAN, 1998, p. 22). Esta identificação do ego com sua imagem, fundadora do psiquismo, é protagonizada pelo outro amoroso. Quando lemos em Bakhtin: “já não estou só quando tento contemplar o todo da minha vida no espelho da história, assim como não estou só quando contemplo no espelho minha aparência externa” (BAKHTIN, 2011, p.96), sentimo-nos compelidos a rememorar o ensino lacaniano que explicita o paradoxo da condição de alienação inerente à subjetividade mesma, por esta advir, primariamente, de uma nomeação (do reflexo especular) ofertada pelo outro, dádiva da cultura: *esta imagem é você*. Reconhecemos, na breve coincidência entre estes dois pensadores tão aparentemente díspares, algo que endossa o cerne do pensamento que tentamos delinear: a alteridade como condição estruturante que, se é causa de perturbação e mal-estar, também é um recurso viabilizado pela inserção numa ordem de cultura. Para Bakhtin, o outro nos presenteia com o aprendizado da posição estética. Essa noção de acabamento e de exterioridade que é a dádiva da exterioridade viabilizará nossas relações com o outro a partir de um “interesse artístico” pela apreciação de um produto acabado.

Se na empreitada Bakhtiniana a dimensão alteritária é exposta em positividade, na psicanálise freudiana este aspecto convoca a um destrinchamento. Primeiramente é preciso enfatizar que o outro em Freud, o outro da psicanálise, não coincide exatamente com o outro sobre o qual nos conta Bakhtin, em cujo olhar afetuosamente apanhamos a instrumentação da estética. Sobre a alteridade bakhtiniana já foi dito que ela recai em certo ‘otimismo dialógico’:

Ao insistir em afirmar que o ‘eu’ só existe no limite entre ele mesmo e alguma outra coisa, [Bakhtin] nos propõe um modelo da morte que não é nem uma ofensa, nem uma benção para a consciência, mas, como acontecimento, algo simplesmente irrelevante (...). Na verdade, Bakhtin é tão estranhamente desinteressado pela morte quanto pela possibilidade de que a exterioridade venha a se tornar estranha ou hostil. (EMERSON, 2003, p. 172-173)

Embora esta crítica não pareça comportar exatamente todo o pensamento bakhtiniano, ela enfatiza algo que nos aparece evidenciado quando contrapomos este pensador à luz da compreensão freudiana da morte e, assim, da alteridade. No entendimento freudiano mais disseminado, temos que o sujeito é antes de mais nada, um sujeito pulsional; o outro é, assim, antes de mais nada, objeto de satisfação da pulsão. A força das pulsões vitais e a necessidade de atendê-las dimensiona as relações de objeto e enquadra, num contexto darwiniano, a alteridade quase espiritual que aparece precípua e dominante na letra bakhtiniana. A morte é, em Freud, subsidiária da guerra e da agressividade como instrumento de sobrevivência e esta marca não deixa de comparecer em sua teorização.

A despeito disso, o inconsciente freudiano é, em um certo sentido, uma teoria da importância radical da experiência alteritária amorosa na vida psíquica. Se originalmente há um pequeno ser pulsional e indiferenciado, disposto a tudo pela sua sobrevivência, ele há de se dar com um contingente de cuidados amorosos, palavras de carinho e amparo físico: o seio materno, instância da satisfação e do encontro com um outro responsivo, é representante desta bem-sucedida junção e aqui funciona como metáfora para a condição que, em Freud, mais se assemelha à alteridade bakhtiniana.

Institui-se, com a psicanálise, não apenas a conveniência, mas a naturalização da presença do outro no discurso do mesmo, presença tantas vezes escotomizada por tendências científicas e cartesianas. O inconsciente é o sinal indelével de que, para além e aquém de nós mesmos, houve um outro primitivo, houve um outro que nos encadeou na cultura. O inconsciente nada mais é do que o portador permanente desta herança alteritária, um lembrete de que há em nós mesmos mais do que uma só voz.

É como se Freud teorizasse que, por intensamente marcantes, as primeiras experiências com o outro – o outro da pele materna, o outro da língua materna –, tem um valor fundante do psiquismo e uma parte de nós será indelevelmente tributária desta alteridade restando estranha de nós mesmos. Afinal, admitir um limite da consciência e atribuir a processos mentais desconhecidos a responsabilidade por sonhos, atos falhos, condições psíquicas de adoecimento, é dizer que existe uma parte de nosso funcionamento mental que escapa de nós mesmos e que, neste sentido, repete o que vivenciamos de mais marcante na experiência existencial: o encontro pleno com a alteridade.

É isto, em uma de suas facetas, o inconsciente: um lugar da forte impressão de sentimentos dedicados ao outro amoroso. Resta, no entanto, dizer de algo essencial: por seu caráter preponderantemente sexual, este lugar sofre censura e não pode participar da consciência sob pena de difícil circulação na cultura. Torna-se lugar estranho, lugar onde o corpo e suas intensidades libidinais pairam estrangeiros às exigências das fronteiras da consciência e da civilização. Eagleton (2006, p.235-236) nos auxilia, sobre a apresentação do inconsciente em sua dimensão alteritária:

[...] na linguagem popular, a palavra subconsciente é usada com mais frequência que a palavra inconsciente, mas isso subestima a alteridade radical do inconsciente, imaginando-o com um lugar de fácil alcance, um pouco abaixo da superfície. Subestima a enorme estranheza do inconsciente, que é um lugar e um não-lugar, completamente indiferente à realidade, que não conhece lógica, negação, causalidade ou contradição, totalmente entregue ao jogo instintivo dos impulsos e da busca de prazer.

É por ser portadora em si mesma de uma confrontação alteritária com a irracionalidade veiculada na mitologia, nos sonhos e nos enredos literários que a psicanálise foi capaz de pôr em desordem as construções psiquiátricas, tirando o foco das questões orgânicas e dando ênfase à forma pela qual os fenômenos aparecem no registro da representação. Em Freud, a linguagem dos sonhos é uma passagem ao conteúdo inconsciente, por sua vez, amplamente fertilizado pelas imagens literárias e mitológicas, constituindo, dessa forma, uma arena polifônica em que participam o sujeito cartesiano da consciência, o inconsciente e o tesouro da cultura.

Os sonhos e outras manifestações do inconsciente na vida cotidiana são a evidência de que existe uma barra separando o que é consciente e por isso, de autonomia do sujeito, e o que é inconsciente e, portanto, “estranho” ao sujeito. Esse barramento entre consciente e inconsciente denota o encontro originário com a linguagem e com o tesouro cultural, encontro que delimita o sentido de individualidade. Continuando com o pensamento de Bakhtin: “Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro, a começar pela assimilação delas e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana” (BAKHTIN, 2011, p. 379).

As ‘palavras do outro’ constituem o barramento do ser pulsional por remeterem a um campo que antecede o sentido individual e que nos inunda de um mundo estranho, abarrotado de sentidos (de outros) que nos são prévios. Não é possível pensar o homem separado da linguagem, dos discursos que o precedem, interrogam-no e limitam-no. Também não é possível descartar a parcela de energia puramente animalesca que mobiliza toda nossa empreitada darwiniana. É sobre ambos, sobre a intervenção da cultura no aparato fisiológico, que o sujeito freudiano se concebe. A psicanálise compreende a marca que este encontro primário e alteritário com a cultura imprime sobre o orgânico do corpo e teoriza um dinamismo psíquico que é o herdeiro desta injunção dialógica: em sua dupla vivência de mal-estar e dádiva.

O mal-estar da cultura que aprendemos da lição psicanalítica é uma parte imprescindível do entendimento sobre a constituição psíquica e sobre o caráter insolúvel dos aspectos agressivos e ambíguos desta dinâmica vetorizada pela pulsão de morte. O que nos parece digno de nota é que esta insolvência traz em si também o aspecto potencialmente transformador enraizado na própria forma como a alteridade participa da constituição subjetiva. Esse aspecto é evidenciado quando justapomos a compreensão de *kultur* na raiz defensiva da constituição subjetiva à apreensão estética da alteridade que Bakhtin nos faz conhecer. Aproximar a vivência alteritária primitiva a um ganho estético, o ganho da apreciação estética que nos insere na dimensão artística, isso faz ressaltar outras nuances do mal-estar na cultura: aquelas que apontam para a criação e a apreciação artísticas.

A pulsão de morte, muitas vezes evocada para tratar os aspectos de agressividade e destruição seja no interior do psiquismo, seja nos grandes eventos destrutivos da cultura, é um construto teórico que dá conta de uma dinâmica muito mais complexa entre o sujeito e a cultura, entre destruição e criação. Dinâmica que está intimamente ligada às mais nobres produções culturais e à própria capacidade humana de (re)criar e de transformar. Se retomamos as palavras de Freud em seu prefácio ao livro de Marie Bonaparte sobre a obra de Allan Poe, encontraremos uma ilustração ideal do que vimos dizendo:

Investigações como esta [sobre a literatura] não se destinam a explicitar o caráter de um autor, porém mostram quais as forças motrizes que o moldaram e qual o material que lhe foi oferecido pelo destino (FREUD, 1933). Freud parece se referir à alteridade como “o material oferecido pelo destino” e refere-se a uma injunção entre este material e as forças motrizes – pulsionais – que nos moldam. Diz também que as obras literárias mostram, dão a ver o resultado, se podemos dizer assim, do impacto deste encontro, sob a forma da narrativa de criação artística que ali se oferece.

REFERÊNCIAS

- ANZIEU, D. **Le corps de l'œuvre**: essais psychanalytiques sur le travail créateur. Paris: Gallimard, 1992.
- BAKHTIN, M. **O freudismo**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CARVALHO, M. T. P. **Atualidade dos estados limite: trauma e trabalho do negativo**. 2011. 182f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia da UnB. Universidade de Brasília, Brasília (DF).Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/9536>. Acesso em 10/05/2019.
- CASTRO, J. C. L. A palavra é a morte da coisa: simbólico, gozo e pulsão de morte. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza (CE), v. 11, n. 4, p. 1405-1428, dezembro de 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000400005. Acesso em 10/05/2019
- EAGLETON, T. **Depois da teoria**: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo. Trad. Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005
- EAGLETON, T. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- EMERSON, C. **Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- FREUD, S. As pulsões e suas vicissitudes. **Edição Standard Brasileira das obras Completas de Sigmund Freud**. Trad. Jayme Salomão (org.). Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV.
- FREUD, S. Mal-estar na civilização. **Edição Standard Brasileira das obras Completas de Sigmund Freud**. Trad. Jayme Salomão (org.). Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XX.
- FREUD, S. Prefácio a A vida e as obras de Edgar Allan Poe: uma interpretação psicanalítica, de Marie Bonaparte. **Edição Standard Brasileira das obras Completas de Sigmund Freud**. Trad. Jayme Salomão (org.). Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXII.
- FREUD, S. Além do Princípio do Prazer (1920). **Sigmund Freud Obras Completas**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010. v.14.
- LACAN, J. **Escritos**. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. **O seminário**. Livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- ZALTZMAN, N. **De la guérison psychanalytique**. 3. ed.. Paris: Presses Universitaire de France, 2010.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.